



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.4, jun./nov.2008



DOM CASMURRO E A MULHER FATAL

Camila Soares López
(Graduanda — UNESP/Assis — FAPESP)

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Capitu e a mulher fatal: presença francesa em Dom Casmurro*. São Paulo: Annablume, 2003.

O conceito de que as literaturas de diversos países são, na realidade, manifestações que caminham conjuntamente, nasceu em meados do século XIX, acompanhado de um espírito de cosmopolitismo que marcou o período. A França pode ser considerada o berço da tal perspectiva, irradiando para as demais civilizações a essência anti-nacionalista que impregnava inúmeros autores e suas respectivas criações literárias. Contemporâneo ao surgimento da sistematização das investigações comparatistas na literatura, Machado de Assis deu vida a obras e personagens que transcendem os limiares da mera imitação, retomando índices já empregados de maneira criativa e preconizando conceitos posteriormente recuperados pela estética modernista.

Aponta-se constantemente a presença francesa nas obras machadianas, cujos estudos vêm sendo largamente desenvolvidos, nos últimos anos, por Gilberto Pinheiro Passos. Professor do Departamento de Letras

Modernas da Universidade de São Paulo (USP) é autor, dentre outros escritos, de *A poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas* (Annablume, 1996), *O Napoleão de Botafogo* (Annablume, 2000) e *Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em Dom Casmurro*. Lançada em 2003, esta apresenta aos seus leitores marcas provenientes da literatura francesa, assim como traços concernentes aos universos bíblico, religioso e shakespeariano no romance machadiano *Dom Casmurro*. Em um plano central da análise de Gilberto Pinheiro Passos — que se destina tanto àqueles que possuem um estudo sistematizado do universo de Machado de Assis quanto aos que apenas nutrem um interesse informal sobre o assunto — se encontra a personagem Capitu. Dona dos lendários “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, esta é representada, igualmente, sob a óptica de elementos literários franceses, porém inserida nos âmbitos social, familiar e cultural que a cercavam. Há, ainda, referências à construção do espaço, à mulher e à burguesia fluminense do século XIX.

Leyla Perrone-Moisés, no capítulo intitulado “A crítica de fontes”, que consta da obra *Falência da crítica* (1973), ressalta a estima existente entre alguns estudiosos pela análise literária a partir da direção biográfica ou da certeza de que a arte da escrita implica impreterivelmente na cópia, na reprodução e na inspiração. As investigações filiadas a tal viés, ainda segundo a autora, deixam de lado o pressuposto básico da crítica, que “deve buscar a diferença, que é aquilo que a obra tem de específico” (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 83). Gilberto Pinheiro Passos, ao dissertar sobre o tema da presença francesa em *Dom Casmurro*, não se detém no destaque das semelhanças entre o romance machadiano e determinadas obras estrangeiras, mas sim evidencia a originalidade de Machado de Assis perante as fontes (termo ao qual não atribui restrições) por ele recorridas, distanciando-se do puro exercício da simples associação.

Para atingir seu fim, o autor lançou mão de uma metodologia cuja pretensão não é a de distribuir definições — como a de *intertextualidade*, por

exemplo. *Capitu e a mulher fatal* pode ser considerado um trabalho que transpassa os limites do estudo de origens e influências, versando sobre conceitos mais amplos que trazem à luz a idéia, apresentada já no primeiro capítulo, de um Machado de Assis contraventor das estéticas literárias a ele contemporâneas. Vê-se que tal escrito dá margem ao enfoque da assimilação transformadora realizada por Machado em suas obras. O autor aponta diversos elementos convergentes entre a literatura francesa e o romance machadiano, sem, contudo, fazer uma sistematização na qual o texto estrangeiro sobreponha o nacional.

Ao decorrer do livro, o leitor se depara com a abordagem dos variados temas universais existentes em *Dom Casmurro*, dentre os quais se encontra o adultério. Sabe-se que, além da obra portuguesa *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, figuravam nos últimos decênios do século XIX — anos em que, no Brasil, era evidente o apreço pelos moldes originários da França — o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e escritos como os de Émile Zola, que possuíam a traição conjugal como fio condutor de suas respectivas tramas. Contudo, compreende-se que as considerações feitas por Gilberto Pinheiro Passos não possuem o caráter que visa apenas à pontuação das semelhanças entre *Dom Casmurro* e outras obras literárias européias, mas o de problematização e revitalização do tema do adultério, assim denotando o não-lugar de Machado de Assis em meio às estéticas e os conceitos moralizantes vigentes em sua época. O diferencial de Machado no que concerne à abordagem da traição reside em sua recusa em biologizar problemas ou atribuir a eles um levantamento social que aponta o enfado da mulher burguesa como motivação para as relações adúlteras (PASSOS, 2003, p. 13).

Aos olhos de Bentinho, Capitu é mulher cuja honra e confiança devem ser postas à prova. Figura feminina, esta, que possui dotes físicos encantadores que elucidam o conceito de *mulher fatal* construído no escrito de Gilberto Pinheiro Passos e que se faz constantemente presente nas demais obras machadianas a partir de personagens como Marcela (*Memórias póstumas de*

Brás Cubas), Sofia (*Quincas Borba*) e Guiomar (*A mão e a luva*). São apresentadas pelo autor de *Capitu e a mulher fatal* as personagens Carmem, Manon Lescaut, Naná e Salomé, “figuras atuantes e estuantes de fascínio evidente” (PASSOS, 2003, p. 31) como referências ao comportamento de Capitolina.

Além disso, Capitu é mulher de posição social inferior à de Bentinho, o que, de certa maneira, marginaliza a personagem e atribui valor maior ao relato da figura masculina da trama, que, em *Dom Casmurro*, é o próprio narrador. Assim, segundo Passos, Machado de Assis relacionava os sentimentos humanos às condições sociais, como o fizeram Shakespeare, Prévost e Mérimée, construindo a convivência mesurada entre universalismo e localismo. E deve-se considerar que o local da obra machadiana é marcado por conceitos criados a partir de uma visão misógina existente no período, que calava as vozes de tantas mulheres e que enquadrou em um padrão de esposa ao molde do dezanove a espevitada adolescente de Matacavalos. Entende-se por “misoginia” — palavra, esta, que advém do vocabulário da língua grega — a aversão às mulheres; tal sentimento possui forças em ambientes cujas religiões monoteístas são predominantes, assim como o Brasil do Segundo Reinado que se particularizava no lar da família Santiago.

A releitura da imagem, proveniente da Europa, da mulher destruidora dá-se também a partir da atribuição, à Capitu, do caráter de esposa sem nenhum motivo aparente para a traição (marido medíocre ou ausência do mesmo). Todavia, o ciúme de Bento Santiago não é, ainda, fator de reprovação moral. A motivação de *Dom Casmurro* não reside na condenação incisiva de sua personagem feminina — assim como em *Madame Bovary* e *O primo Basílio*, — mas sim na construção e perpetuação do sentimento de dúvida. Faz-se igualmente importante recordar que a atmosfera de ambigüidade gerada na trama que envolve Bentinho e sua mulher é comum ao conto de Machado de Assis intitulado “Missa do galo”.

Nota-se que o trabalho de Gilberto Pinheiro Passos não possui como intuito totalizar todos os pontos de convergência existentes entre os escritos de Machado de Assis e de outros autores, e nem mesmo entregar ao leitor uma espécie de “palavra final” sobre o assunto abordado em seu texto. Há, todavia, a metodologia constituída do confronto entre obras estrangeiras e o romance brasileiro, em um processo denominado pelo autor como o “ir e vir” entre os escritos franceses e brasileiros.

Outro aspecto merecedor de atenção é a maneira como Gilberto Pinheiro Passos lança mão, em *Capitu e a mulher fatal*, das citações que, diferentemente de alguns dos outros estudos do autor, aparecem traduzidas, o que amplia ainda mais o plano de leitores e leituras de sua obra. Tais citações, que se referem aos romances aludidos no livro, contribuem para a solidificação de uma esfera de dialogismo entre os textos mencionados, dando voz ora ao nacional, ora ao universal.

O autor consegue transpassar àqueles que lêem seus registros a originalidade que pode residir em trabalhos críticos que versem sobre escritores brasileiros, fazendo, em alguns momentos, referência a estudos que podem levar seus leitores a um maior aprofundamento dos temas por ele abordados, como as investigações realizadas por Helen Caldwell (2002), Alfredo Bosi (2002) e Daniel Lagache (1997), entre outros, assim suscitando a idéia de que sua obra abarca apenas uma das inúmeras vias que constituem a análise de *Dom Casmurro*. Análise, esta, que pode adquirir imenso valor se preocupada com o que possa existir de criativo e sugestivo para a literatura.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2002.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis. Um estudo de Dom Casmurro*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAGACHE, Daniel. *La jalousie amoureuse*. 4.ed. Paris: PUF, 1997.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. *Capitu e a mulher fatal: presença francesa em Dom Casmurro*. São Paulo: Annablume, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica de fontes. In:_____. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.